



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ANDRÉIA PORCINO SANTOS**

OS LIMITES ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES DA EJAI NO  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO EM DECORRÊNCIA DA  
CONDIÇÃO DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR.

Amargosa - BA 2019

ANDRÉIA PORCINO SANTOS

OS LIMITES ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES DA EJA1 NO  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO EM DECORRÊNCIA DA  
CONDIÇÃO DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR.

Monografia apresentada como  
requisito parcial á obtenção de título  
de Graduação em Pedagogia, pela  
Universidade Federal do Recôncavo  
da Bahia – Centro de Formação de  
Professores, no município de  
Amargosa-Ba.

Orientadora: Prof. Georgia Nellie Clark

Amargosa - BA  
2019

OS LIMITES ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES DA EJAI NO  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO EM DECORRÊNCIA DE A  
CONDIÇÃO DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade  
Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção  
do grau de Licenciado (a) em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora. -

*Georgia Nellie Clark*

---

**Prof.ª. Georgia Nellie Clark - Orientadora**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Centro de Formação de Professores

*Maria Eurácia Barreto de Andrade*

---

**Prof. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade - Examinadora**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Centro de Formação de Professores

---

**Prof.ª. Dr.ª. Andréia Barbosa dos Santos- Examinadora**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Centro de Formação de Professores

Amargosa, 01 de março de 2019.

Dedico este trabalho

A Deus por ter me sustentado até aqui, à minha eterna mãe que tanto me incentivou, aos familiares que acreditaram no meu potencial e não me deixaram desistir, e à minha querida orientadora, pela sabedoria e determinação em que me orientou durante essa trajetória.

A todos meus colegas e professores que contribuíram nesta trajetória, em especial as minhas colegas Marilene Correia, Rosemary, Grazielle, Adriely e Duceni.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e pela sabedoria, sem fé em sua existência nada seria possível;

A Joilson, meu esposo, e meu filho Jhonatas. Sem vocês esta trajetória não seria concluída. Meus agradecimentos pelos incentivos e dedicação para eu permanecer estudando, apesar de tantos acontecimentos ruins durante essa trajetória. Tiveram paciência durante todo o tempo em que estive ausente no decorrer dos meus estudos, sempre guiando meus passos nessa caminhada.

Ao meu pai Adelino Soares dos Santos e a minha mãe Rita Porcino Santos (In memoriam), que me deram a vida, e confiaram no meu potencial. Vocês são exemplos de pais, me instruíram a ser uma pessoa de caráter, que sempre me apoiaram nos estudos e nas horas difíceis. Sem o apoio de meu pai, eu e meus irmãos não tínhamos chegado até aqui.

A minha orientadora, professora Georgia Nellie Clark, pelo ensino e dedicação dispensados no auxílio a concretização dessa monografia.

E minha prima/sobrinha Kailane que sempre estava presente em alguns encontros, e que hoje não se encontra, só deixou saudades (In memoriam).

A todos os professores do curso de Pedagogia, que fizeram parte da minha formação pela dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus colegas que juntos chegamos até aqui na expectativa de alcançarmos o que tanto esperamos durante quatro anos. A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse alcançado, meu agradecimento.

Se a educação sozinha não  
transforma a sociedade, sem  
ela tampouco a sociedade  
muda.  
(Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo sobre os limites que os estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJA enfrentam por serem estudantes trabalhadores e norteou-se pelas seguintes questões: quais os limites enfrentados no processo de aquisição da alfabetização por estudantes trabalhadores Jovens, Adultos e Idosos? Quem são os sujeitos da EJA? Quais as implicações de ser estudante trabalhador? Quais as especificidades da alfabetização na EJA? Tem como objetivo geral compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJA no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores. Para tanto, delineamos os seguintes objetivos específicos: 1) Entender o percurso da EJA como direito; 2) Compreender quem são sujeitos da EJA, e sua condição de estudante trabalhador; 3) Discutir o processo de alfabetização da EJA da classe trabalhadora. A pesquisa tomou como referência empírica uma turma do nível I da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, de uma escola pública da rede Municipal de Amargosa-Ba. Os sujeitos da pesquisa foram compostos por três estudantes da EJA, nível I e a professora dessa turma. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo, tendo como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada e a observação. Durante toda pesquisa, o referencial teórico constituiu-se no diálogo com Gonsalves (2012), Gadotti (2011), Arroyo (2011), Antunes (2000), Di Pierro (2008) e Paulo Freire (1981), entre outros. Por fim, com as informações adquiridas na pesquisa foi possível identificar e compreender os limites buscados, a saber: dificuldade em conciliar trabalho e estudo; ausência de tempo para estudo fora da escola; fragmentação no processo de escolarização; distância entre o conteúdo proposto e a realidade dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Alfabetização de Adultos. Estudante Trabalhador.

## **LISTA DE SIGLAS**

EJAI- Educação de Jovens, Adultos e Idosos;

MEB- Movimento de Educação de Base;

CNBB- Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil;

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização;

PNE- Plano Nacional de Educação;

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	11
<b>2. FUNDAMENTOS DE UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA</b>	14
2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO DIREITO	14
2.2 OS EDUCANDOS DA EJAI E AS CONDIÇÕES DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR	18
2.3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS	22
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	24
3.1 CAMPO PESQUISADO	24
3.2 PERFIL DO CORPO DOCENTE	25
3.3 PERFIL DO CORPO DISCENTE	26
3.4 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS	26
<b>3.4.1 Observação participante</b>	26
<b>3.4.2 Entrevistas semiestruturadas</b>	27
<b>3.4.3 Os colaboradores da Pesquisa</b>	29
<b>4. O QUE NOS DIZEM OS SUJEITOS</b>	30
4.1 DIFICULDADE EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO	30
4.2 AUSÊNCIA DE TEMPO PARA ESTUDO FORA DA ESCOLA	32
4.3 FRAGMENTAÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	33
4.4 DISTÂNCIA ENTRE O CONTEÚDO PROPOSTO E A REALIDADE DOS ESTUDANTES.	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>REFERÊNCIAS</b>	38



## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto o processo de alfabetização na Educação de Jovens, Adultos e Idosos - EJA<sup>1</sup>, considerando os limites desse processo decorrentes da condição de ser estudante trabalhador.

A EJA, modalidade da educação básica, atende aos sujeitos das classes trabalhadoras que não tiveram oportunidades de estudar e aqueles que não puderam concluir o ensino fundamental e médio. Esses estudantes já foram marcados por profundas dificuldades em seu processo de escolarização, sendo alijados da oportunidade de estudar, um direito garantido a todos os cidadãos, mas que, na prática, ainda não se efetivou.

O desejo de pesquisar essa temática surgiu a partir das experiências vivenciadas na EJA, durante o estágio de um componente curricular do curso de pedagogia, e da condição de ter um pai estudante trabalhador/agricultor que nunca tinha frequentado a escola, e só depois dos 55 anos começou a estudar. Durante o estágio e no acompanhamento das vivências de meu pai na escola, foi possível muitos trabalhadores rurais e urbanos em busca de se alfabetizar. Embora o trabalho seja intenso no seu cotidiano, apresentavam ter disposição e determinação para frequentar a escola. Os sonhos de aprender a ler e escrever eram maiores que as adversidades.

Nesse contexto, surgiram várias indagações. Dentre elas, as questões que mobilizam este estudo: quais os limites enfrentados no processo de aquisição da alfabetização por estudantes trabalhadores Jovens, Adultos e Idosos? Quem são os sujeitos da EJA? Quais as implicações de ser estudante trabalhador? Quais as especificidades da alfabetização na EJA?

No intuito de contemplar o problema dessa pesquisa delimitamos o objetivo geral: compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJA no processo de alfabetização, decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores. E, nesse sentido, foram elaborados os objetivos específicos: 1) Entender o percurso da EJA como direito; 2) Compreender quem são sujeitos da EJA, e sua condição

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que nos documentos legais e normativos os idosos ainda não são contemplados, mas por uma concepção política e ideológica esse trabalho de conclusão de curso usará Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA).

de estudante trabalhador; 3) Discutir o processo de alfabetização da EJAI da classe trabalhadora.

Diante dos objetivos expostos, compreende-se uma grande importância pessoal, social e acadêmica desse estudo que leva em si um grande sentimento e respeito aos cidadãos não alfabetizados por terem seus direitos à educação negados.

Este estudo tem a relevância social e acadêmica por apresentar contribuições que chamam a atenção da sociedade para os limites que os alunos da EJAI enfrentam no processo de aquisição da alfabetização, limites que, na maioria das vezes, se constituem a partir da condição de pobreza e abandono desses sujeitos pelo poder público. Desse modo, abre portas para a produção acadêmica que discuta possibilidades de superação desses limites em interlocução com a sociedade.

Para elaboração desta pesquisa foi realizado uma pesquisa qualitativa com um estudo de campo, que contou com a colaboração de 03 estudantes e uma professora do primeiro segmento da EJAI de um Centro de Educação de Jovens e Adultos. Como instrumentos para coleta de dados foram usadas as entrevistas semiestruturadas e a observação.

Para melhor organização de estudo do espaço pesquisado, esta monografia está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos uma síntese apresentando a temática e como a mesma é tratada ao longo do trabalho, citando as motivações para realização desse estudo, a problemática, os objetivos e justificativa.

No segundo capítulo, trazemos uma discussão que ajuda a compreender o contexto da Educação de Jovens e Adultos e Idosos como direito, as condições de ser estudante trabalhador, quem são esses sujeitos que estão inseridos na EJAI, e o processo de alfabetização desses sujeitos, destacando o perfil desses estudantes.

O terceiro capítulo apresenta todas as etapas do trajeto metodológico, o campo que foi realizado a pesquisa, os sujeitos envolvidos, abordagens e instrumento de coleta de dados.

E, no quarto e último capítulo, abordamos a análise dos dados, expondo o passo a passo de como foram analisadas as respostas colhidas através de

entrevistas semiestruturadas, apresentando os resultados alcançados. Para terminar, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

Acreditamos que essa investigação colabore na ampliação dos conhecimentos referente à Educação de Jovens, Adultos e idosos, principalmente no que se refere aos limites que esses sujeitos enfrentam no processo de aquisição de alfabetização por serem trabalhadores.

## **2. FUNDAMENTOS DE UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

### **2.1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO DIREITO**

Compreender a EJA como direito nos impõe a necessidade de discutir como essa modalidade da educação básica, direito constitucionalmente garantido a todo cidadão, na atualidade, se constituiu historicamente. O entendimento desse processo nos possibilita compreender a EJA enquanto campo de disputa política por garantia de educação de qualidade aos sujeitos da classe trabalhadora.

Segundo Soares e Galvão (2004), a educação de adultos existe desde o período colonial. Nesse período, podemos dizer que a educação esteve dividida em três fases: o período em que estava sob a responsabilidade dos jesuítas; o período da reforma Pombalina, com a expulsão dos Jesuítas e o período em que a família real portuguesa esteve no Brasil. O ensino dos jesuítas tinha por objetivo a propagação da fé cristã.

A Educação dos jesuítas visava, primordialmente à catequese e, com a saída deles do Brasil, a educação de adultos foi deixada de lado, voltando a ser pensada só durante o período imperial.

Na prática, não havia preocupação do Estado Português com a educação dos colonos. Quem tinha recursos pagava professores particulares e enviava seus filhos para estudar fora do Brasil. O resto da população ficava alijada do direito à alfabetização.

Nesse contexto, as poucas escolas que existiam priorizavam as crianças pelo fato que acreditavam que os adultos tinham vícios, paixões, e que as crianças poderiam ser uma nova geração para o catolicismo, e que havia possibilidades de ser atuante e passar o que aprendeu para seu grupo (SOARES e GALVÃO, 2004).

Com a independência do Brasil, a partir da constituição Imperial de 1824 procurou-se dar um significado mais amplo para a educação, garantindo a todos os cidadãos a instrução primária. No entanto, essa lei nunca foi efetivada. Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros e negras escravos, livres e libertos) nos processos de formação formais. E a partir do Ato Constitucional de

1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos (STRELHOW, 2010).

A Educação de Jovens e Adultos tinha caráter beneficente e catequizador, embora estivesse garantida em determinados espaços formais, como por exemplo, em escolas no período noturno nas cidades, casa e igrejas, essas aulas poderiam ser oferecidas por professores que atuavam em sala de aula durante o dia, e em suas residências, à noite, faziam esse trabalho voluntário. A EJAI, nesse contexto, era mais entendida como caridade que como direito.

Em que pesem algumas discussões e poucas experiências, é só a partir da década de 1930 que a EJA começa a ser pensada como uma demanda que precisa ser urgentemente atendida pelo estado, considerando que mais de 70% da população brasileira era não alfabetizada. Nesse sentido, em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a EJAI (STRELHOW, 2010).

De acordo com os estudos de Lopes e Sousa,

A década de 40 foi marcada por algumas iniciativas políticas e pedagógicas que ampliaram a educação de jovens e adultos: a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e outros. Este conjunto de iniciativas permitiu que a educação de adultos se firmasse como uma questão nacional. Ao mesmo tempo, os movimentos internacionais e organizações como a UNESCO, exerceram influência positiva, reconhecendo os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil e estimulando a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos. (2005, p.3).

Com o avanço da industrialização, nos anos de 1950, a demanda das indústrias por mão-de-obra qualificada levar os donos dos meios de produção a pressionarem o Estado por educação para a classe trabalhado.

Em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), para atender as populações que viviam no meio rural.<sup>20</sup> E em 1958, com a realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, começou-se a dar passos em direção da discussão de um novo método pedagógico utilizado na educação de adultos. Os educadores sentiram a necessidade de

romper com os preconceitos que envolviam as pessoas analfabetas. (STRELHOW, 2010, p. 53).

É nesse contexto que têm início um dos momentos mais efervescentes na história da EJA, no Brasil, e que surge a figura de Paulo Freire com a sua proposta de uma pedagogia pensada para a libertação dos oprimidos. Freire rompe com o pensamento de que a pobreza é causada pelo analfabetismo. Muito ao contrário, aponta o auto, é o privilégio de uma classe em detrimento das outras que causa o empobrecimento e o analfabetismo.

O fim da década de 1950 e início da década de 60, foi marcado por uma grande mobilização social em torno da educação de adultos. São relevantes para a história da EJA vários movimentos sociais que compunham a luta pela instituição da EJA e, conseqüentemente, da alfabetização de adultos como direito: Movimento de Educação de Base (1961- CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal) (DI PIERRO, 2008).

Influenciados pela abordagem freireana de educação popular, esses movimentos, procuravam reconhecer e valorizar o saber e a cultura popular, considerando assim, a pessoa não alfabetizada uma produtora de conhecimento. Com a grande repercussão desses movimentos de alfabetização popular, foi encerrada a CNEA e no mesmo ano Paulo Freire foi indicado para elaborar o Plano Nacional de Alfabetização junto ao Ministério da Educação (DI PIERRO, 2008).

Em 1964, o golpe militar interrompe esse rico processo de luta, desarticulando ou proibindo esses movimentos e exilando aqueles que estavam à frente dos mesmos, como foi o caso de Paulo Freire.

Em contraposição às experiências de educação popular, anteriores ao golpe, a ditadura militar impõe uma alfabetização funcional para jovens e adultos através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado em dezembro de 1967. Esse Programa se mantém até os anos 1980, quando diante da crise do capitalismo, é substituído pela Fundação Educar, extinta, por sua vez, em 1990, pelo governo Collor de Mello. O MOBRAL aparece com conteúdos semelhantes aos da escola regular, sem o senso crítico e problematizador que caracteriza a pedagogia de Paulo Freire (RIBEIRO, 2013, P.481).

Com o fim do regime militar no início da década de 1980, os movimentos sociais pela educação voltam a se organizar e fortalecer, tencionando a instituição de políticas que garantissem a EJA como direito. Os frutos desse tencionamento são colhidos com a instituição de garantia constitucional da educação como direito de todos.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

(...) VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente. (BRASIL, 1988).

Mesmo com essa garantia, a EJAI não assumiu até os dias atuais a efetivação necessária.

Em complementação ao que é instituído pela Constituição Federal no que se refere ao direito à educação de jovens adultos e idosos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, 9394/ 96 estabelece que:

Art. 37 – A educação de Jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1 Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos em idade regular, as oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

§2 – O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996).

Sendo assim, a educação de jovens e adultos só foi ampliada a partir dos anos 1990, contudo ainda muito vista em uma perspectiva de solidariedade e voluntarismo. Políticas realmente mais apropriadas para a efetivação desse direito só ocorreram a partir de 2003, com a chegada de Lula à presidência da república. O Programa Brasil Alfabetizado, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens:

Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM), a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e a ampliação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) nessa modalidade de ensino foram as principais políticas voltadas a EJA no governo em questão.

Foram avanços ainda tímidos frente às demandas por uma educação de qualidade para jovens, adultos e idosos. Avanços esses ameaçados pelo governo de extrema-direita que assume o país nesse momento.

## 2.2. OS EDUCANDOS DA EJAI E AS CONDIÇÕES DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR

Para (Gonçalves 2012) o trabalho, de modo geral é conceituado abstrata e genericamente como uma atividade humana essencial. De acordo com a autora o trabalho é complexo e conflitante, ela afirma que pode ser também liberdade. Assim,

Esse não pode ser tratado de modo uno, mas na sua dupla dimensão: uma que diz respeito ao seu caráter corpóreo e que repercute o tempo subjetivo (curiosidade, criatividade), e outra que se refere a sua realidade objetiva no interior da estrutura social na qual o trabalho assalariado é predominante nas relações capitalistas de trabalho. (GONÇALVES, 2012, p.29)

Autora afirma que os sujeitos da EJAI são desmoralizados pela exclusão. Os jovens e adultos são desvalorizados socialmente por ocuparem postos de trabalho historicamente desvalorizados, pela condição de desemprego ou subemprego. Dessa forma,

Na EJA o trabalho é uma questão muito presente. Seja porque os alunos estão tentando manter seus empregos, seja porque estão procurando se qualificar para conseguirem um, seja porque acreditam que só com a educação poderão consegui-lo mais adiante. Mesmo os jovens que nunca tiveram essa experiência atribuem grande importância à escola para conseguirem uma profissão. (GONÇALVES, 2012, p.39).

Os educandos da EJAI, em sua maioria, estão inseridos no mundo do trabalho, e buscam essa modalidade na tentativa de melhor qualificação que possa promover melhor inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, melhores

condições de vida. Nessa perspectiva, o PNE (Plano Nacional de Educação) ressalta:

[...] a necessidade de contínuo desenvolvimento de capacidades e competências para enfrentar essas transformações que alteram a concepção tradicional de educação de jovens e adultos, não mais restrita a um período particular da vida ou uma finalidade circunscrita. Desenvolve-se o conceito de educação ao longo da vida, que há de se iniciar com alfabetização. Mas não basta ensinar a ler e escrever. Para inserir a população no exercício pleno da cidadania, melhorar sua qualidade de vida e de fruição do tempo livre e ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho, a educação de jovens e adultos deve compreender no mínimo, a oferta de uma formação equivalente a oito [agora nove] séries iniciais do ensino fundamental. (BRASIL, 2001, p.99,100).

As políticas de EJAI, mais que políticas apenas de educação dadas as especificidades do seu público, precisam ser pensadas enquanto políticas de educação para trabalhadores, entretanto a relevância à centralidade do trabalho na vida dos sujeitos da EJAI nem sempre tem sido considerada. Sendo assim,

No âmbito da Educação de Jovens e adultos (...), a relação trabalho e educação é ainda, predominantemente, revestida de um obscurecimento que, no mais das vezes, decorre ou de seu desconhecimento ou de sua abordagem reducionista e empobrecedora, fruto da concepção de mundo que prevalece no âmbito da cultura-ideologia dominante no modo de produção capitalista (JAMESON, 1994 apud RUMMERT, p.87).

É preciso ter clareza que essa modalidade de ensino se destina às pessoas das classes trabalhadoras que não tiveram oportunidades de estudar e aqueles que não puderam concluir o ensino fundamental e médio. Esses jovens, adultos e idosos são trabalhadores que lutam por melhorias, e vem sendo afetados pelo desrespeito ao seu direito à educação e por condições de vida precárias (moradia, saúde, transporte, alimentação e emprego etc.), problemas sociais que se entrelaçam.

Para (Gadotti 2011) “O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens, adultos e idosos”. Dessa forma, as pessoas que frequentam essa modalidade de ensino são jovens, adultos e idosos trabalhadores que já foram marcados, e continuam sendo, por profundas dificuldades para acessar o direito a uma educação de qualidade nos termos da lei. Para ARROYO:

O direito dos jovens e adultos à educação continua sendo visto sob a ótica da escola, da universalização do ensino fundamental, de dar novas oportunidades de acesso a esses níveis não cursados no

tempo tido em nossa tradição como oportuno para escolarização. A EJA continua sendo vista como uma política de continuidade na escolarização. Nessa perspectiva, os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo, propiciemos uma segunda oportunidade. (ARROYO, 2011, P.23).

Neste sentido, compreender a condição de estudantes trabalhadores desses sujeitos consiste em pensar em uma escola e processos educativos que possam se adequar a essa condição e não o contrário como se costuma ver.

Segundo ANTUNES,

o sentido falacioso da ‘qualificação do trabalho’ que muito frequentemente assume a forma de uma manifestação mais ideológica do que uma necessidade efetiva do processo de produção. A qualificação e a competência exigidas pelo capital, muitas vezes objetivam de fato a confiabilidade que as empresas pretendem obter dos trabalhadores, que devem entregar sua subjetividade á disposição do capital. (ANTUNES, 2000, p.52).

Para Rummert (2011, p.157), as peculiaridades da educação de jovens e adultos trabalhadores tornam, assim, mais complexos os aspectos referentes a sua organização e ao seu funcionamento, bem como ao que concerne às propostas curriculares. Sendo assim, é necessário a construção de uma educação unitária e que não pudesse utilizar praticas uniformes e padronizadas, na qual o aluno tenha uma participação ativa e que a escola seja ligada a vida.

Nesse sentido, Thompson considera,

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modificada, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, [influencia] todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar á elaboração de novas áreas de estudo. (THOMPSON, 2002, p.13 apud TIRIBA e SICHI, 2011, p.243).

Para Laffin (2012, p.65), “os processos educativos requerem como ponto de partida e de dimensões de chegada para aprendizagens, o acolhimento da identidade dos sujeitos que nesses processos se inserem como condição indispensável da mediação pedagógica que busca processos formativos”. Levando em consideração o que Laffin cita, esse acolhimento de classes diferentes é de extrema importância para que ocorra uma aproximação entre professor e aluno,

para prática de ensino e aprendizagem e sempre buscar reelaborar essa metodologia de acordo com a realidade de cada estudante.

A EJAI objetiva atender aos educandos trabalhadores que não tiveram acesso ou continuidade da escolarização na idade considerada apropriada pela legislação. Desse modo, os educandos da EJAI, em sua maioria, são jovens, adultos e idosos, homens e mulheres com históricos de múltiplas repetências e abandono escolar, que lutam pela sobrevivência nas cidades ou nos campos, em sua maioria, são negros, moradores de localidades periféricas, desempregados; operários da construção civil, trabalhadores de atividades informais, vinculadas ao comércio e ao setor domésticos.

Nesse sentido, VEIGA explica que:

[...] foi possível detectar claramente que a clientela escolar denominada como desfavorecida pertencia à classe pobre de diferentes origens étnicas- brancos negros e mestiços. Destaca-se que, em geral, houve certa homogeneização no tratamento desse grupo – pobre, negros e mestiço – como inferior, a partir de sua representação como grupo não civilizado. (VEIGA, 2008, p.506 apud PASSOS, 2012, P.110).

Atualmente, é importante afirmar que, do público que efetivamente frequenta a modalidade EJAI, é cada vez mais reduzido o número de sujeitos que não tiveram passagens anteriores pela escola; e o crescimento da demanda indica, em número cada vez mais crescente, a presença de adolescentes e jovens recém-saídos da Educação Fundamental, onde tiveram passagens acidentadas. O constante crescimento da EJAI, portanto, tenciona o compromisso do Estado com o direito à Educação Básica das crianças e adolescentes.

É importante, reconhecer e afirmar que as experiências e vivências de trabalho e sobrevivência desses sujeitos nas cidades e nos campos lhe permitiram ter acesso ao conhecimento, à riqueza cultural, à diversidade de linguagem, à consciência corporal e às múltiplas possibilidades e complexidades do mundo do trabalho que devemos assegurar na prática pedagógica específica da EJAI. Os jovens-adultos populares não são acidentados ocasionais que, gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens, adultos e idosos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias que são coletivas. As mesmas vivenciadas por seus pais e avós; por sua raça, gênero, etnia e classe social (ARROYO, 2005).

Os educandos da EJAI, ao retornar ao espaço escolar, fazem muitas vezes novas descobertas, vêm com muitas esperanças de melhorar o que já sabem, para

depois elaborar um novo processo de aprendizagem do desconhecido. Nesta perspectiva, perceber-se que os objetivos dos educandos é concluir os seus estudos e tendo como objetivo, principais melhorias no campo profissional e pessoal, outros retornam ali para dá incentivos aos filhos que desistiram ou migrado para estudar naquele turno. Para Gonsalves,

Embora a expectativa de melhorias profissionais seja um dos fatores que motivam o público da EJA a dar continuidade aos estudos, não se podem desprezar outros motivos que confirmem a importância do espaço educacional na vida de um sujeito. A preocupação em se manter empregado ou mesmo conseguir um emprego pôde ser contatada (2012, p. 42).

Sejam quais forem os motivos pelos os quais os educandos buscam resolver suas demandas, a escola é um dos lugares onde os mesmos têm as possibilidades, confrontar seus saberes, vindos dos diferentes espaços sociais. Ante do muro da escola, buscas resolver seus problemas da maneira que pode, se envolvem em prática sociais de letramentos, um universo de significações, símbolos, códigos.

### 2.3. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

De acordo com Freire (1981, p.20), “a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de mundo, a bravura de dizer a palavra”.

Ler e escrever são aptidões eficazes para a prática de novas aprendizagens e estabelece fatores indispensáveis para o aprimoramento científico, independente que seja a disciplina. É relevante que se saiba que não é apenas a disciplina de língua portuguesa faz processo à leitura e a escrita além da interpretação do sistema de escrita para a aprendizagem dos conteúdos. Portanto, ler não é reduzir o nível de conhecimentos, mas se compõe essencialmente pela apropriação de novos conhecimentos elaborados por outras pessoas.

Para Ferreira (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque

de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Dessa forma, os métodos tradicionais de alfabetização que são utilizados, pelos professores que depositam o conhecimento<sup>2</sup> não respeita a realidade de cada educando. Muitas vezes esses professores não são qualificados para atuarem em sala de aula de EJA, o que acaba interferindo na aprendizagem do aluno.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, (1999) é preciso observar que a escrita e oralidade são modos distintos de se comunicar, tanto na estrutura como no que se refere ao valor e á função. Segundo GADOTTI:

Alfabetizar não é uma coisa intrinsecamente neutra ou boa; depende do contexto. Alfabetização na cidade e no campo tem conseqüências diferentes para os alfabetizando. A alfabetização por si só não liberta. É um fator somado a outros fatores. E o alfabetizando que aprende a ler e escrever, mas não tem como exercitar-se na leitura e na escrita, regride ao analfabetismo. (GADOTTI, 2011, P.46-47)

Para KOERNER (2010), a alfabetização da população como um todo não é preocupação recente de governantes, interessados em reduzir os números do analfabetismo, [...]. Sendo assim, existem preocupações por parte do governo em diminuir o analfabetismo na sociedade, mas não dá uma permanência para as pessoas que não tem ou não tiveram condições de permanecerem estudando possam voltar a estudar para ter uma melhoria de vida.

As condições objetivas de vida dos educandos da EJA afetam diretamente a sua possibilidade de aprendizado e de ser alfabetizado. O cansaço físico, as incertezas da pobreza, a falta de perspectiva, a dificuldade, promovida historicamente pela exclusão, de construir uma relação de afeto com a produção do conhecimento são fatores limitadores da aprendizagem.

---

<sup>2</sup> O professor não pode depositar, nem transmitir conhecimento, mas sim informação, pois para chegar ao conhecimento necessitam uma série de outras ações, inclusive do próprio sujeito que aprende.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Buscando, alcançar o objetivo desse estudo - compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJAI no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores com vistas à construção de superação desses limites - esta investigação se constituiu em uma abordagem qualitativa.

Segundo (MINAYO, 2011, p.63), “na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial”. Os achados, no contexto de um estudo nessa abordagem, estão mais propícios a serem interpretados que quantificados.

#### 3.1 CAMPO PESQUISADO

Essa pesquisa foi realizada em uma escola pública de Amargosa, considerada uma das escolas mais antigas do município de Amargosa-Ba, a Escola Estadual Almeida Sampaio, localizada no Centro (área nobre) da cidade. Foi inaugurada em 14 de julho de 1957, após a junção de outras escolas, quando da sua fundação, por isso a denominação “Escola Reunidas” e recebendo o sobrenome de um dos primeiros intendentess da cidade, o Sr. Francisco Almeida Sampaio, em homenagem aos serviços prestados por ele ao Município. Em 25 de novembro de 2016 de acordo a Portaria nº 10.106/2016 a Unidade Escolar passou a denominar-se Escola Estadual Almeida Sampaio.

A escola atende em Tempo Integral, Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e tem 468 alunos. Seu público são estudantes da Classe média-baixa e baixa, residentes, em sua maioria, no Bairro São Roque; Rodão, Urbis I; Cajueiro e na Zona Rural do Município, que buscam uma situação melhor, pois em suas comunidades o nível cultural e educacional predominante é o de Ensino Fundamental incompleto ou Ensino Médio. No período diurno, os estudantes são crianças e adolescentes com poder aquisitivo médio e/ ou baixo.

Em 2018, a escola foi cedida, no período noturno, para Prefeitura Municipal de Amargosa-Ba, para ser o Centro de Educação de Jovens, Adultos e Idosos,

abrangendo os alunos da zona-rural e urbana. As escolas do campo e dos bairros foram fechadas, no turno que funcionavam as turmas da EJAII, prejudicando muitos jovens, adultos e idosos que não querem se deslocar da zona-rural e de seus bairros para a escola no centro da cidade. Os alunos da zona rural são lutadores que trabalham no campo e saem do serviço às 17 horas e transporte que levam o estudante para a cidade passam, no ponto, às 18 horas, e volta às 22 horas e 30 minutos. Sendo assim, muitos desistiram de estudar por conta do cansaço, do horário de chegada em suas residências para ir trabalhar no outro dia, e os da zona urbana muitos idosos ficaram com receio de ir à escola por conta de ser no centro da cidade.

O prédio Escola Estadual Almeida Sampaio conta com uma infraestrutura em sua sede de 14 salas de aula; 02 banheiros, (masculino e feminino) para alunos; 01 banheiro para professores e funcionários; 01 banheiro para portadores de necessidades especiais; sala de professores; sala de vídeo; biblioteca; secretaria escolar; diretoria; quadra de esporte coberta; pátio coberto; cozinha; depósito para merenda escolar; almoxarifado; refeitório e auditório amplo, necessitando de reforma.

Referente ao quadro da gestão escolar, no período integral é composto pela diretora; duas vice-diretoras e secretário, e no noturno que funciona com as turmas da EJAII, é composto pela diretora, vice-diretora e coordenadora escolar.

### 3.2. PERFIL DO CORPO DOCENTE

O corpo docente da escola é composto por 14 professores, sendo 05 concursados, 09 contratados, sendo 04, permuta, 04 temporários e 01 IEL, todos possuem regime de trabalho de 20 horas semanais. Em relação à escolaridade dos (as) professores (as) da escola possuem licenciatura em pedagogia e letras/Libras, Matemática, História e Geografia, Inglês, Ciências, a estagiária é graduanda em Letras/Libras.

A gestora foi escolhida para ocupar o cargo através do seu tempo de atuação como professora e o desempenho que teve durante toda a atuação na educação, ou seja, não foi eleita, mas indicada. Ela reside na cidade de Amargosa. Segundo a mesma, não tem dificuldades para conhecer o público alvo que frequenta a escola tendo ciência dos problemas que comprometem os estudantes,

e as necessidades destes. A mesma relata que a maior dificuldade é só ter 01 coordenadora do eixo I e I do eixo II. Uma das coordenadoras pedagógicas foi a diretora que escolheu por ter conhecimento do trabalho, dessa forma, elas eram professoras na rede municipal de ensino, foram nomeadas pela Secretaria de Educação

### 3.3 PERFIL DO CORPO DISCENTE

Referente ao quadro de estudantes atendidos na escola, a idade varia entre 15 a 63 anos de idade, ambos os sexos, estão matriculados na EJA I no nível I ao nível IV. A maioria dos alunos faz o trajeto de casa para a escola e vice-versa no transporte escolar, tanto da cidade quanto zona rural, e os que moram em bairros, mas próximos à escola vão andando. São sujeitos das classes populares, trabalhadores rurais e urbanos. De modo geral, são estudantes que não tiveram oportunidade de frequentar a escola por fatores diversos.

### 3. 4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Os instrumentos que foram utilizados para recolha das informações foram a observação, entrevistas semiestruturadas.

#### 3.4.1 Observação participante

A observação é um dos elementos que são utilizados pelos sujeitos para avaliar e entender as pessoas, as dificuldades, limitações e as condições. Com o subsídio da observação, o pesquisador avalia a realidade do sujeito que está ao seu redor, buscando superar os limites existentes. Conforme Minayo (2009, p.70), a observação “é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. É necessário que o pesquisador situe o que será observado e esteja ciente do que será registrado no diário de campo, adequando uma visão ampla e delineada daquela realidade, levando em conta a interação do pesquisador com o ambiente. Ludke e André, 1986 explicam:

Decidir qual é o grau de envolvimento no trabalho de pesquisa não significa decidir simplesmente que a observação será ou não participante. A escolha é feita geralmente em termos de um continuum que vai desde uma imersão total na realidade até um completo distanciamento. As variações dentro desse continuum são muitas e podem inclusive mudar conforme o desenrolar do estudo. Pode também ocorrer o contrário, isto é, pode haver uma imersão total na fase inicial do estudo e um distanciamento gradativo nas fases subsequentes. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.28).

A observação traz para o pesquisador novas oportunidades de hipóteses, além dos problemas abrangidos, levando-os a ter uma diversidade de pensamentos críticos. Para LAKATOS e MARCONI:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social determinado. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.190).

Dessa forma, as autoras afirmam que a observação é uma técnica essencial para a coleta de dados, pois, consegue informações e também utiliza os sentidos

para alcançar alguns aspectos da realidade. Não ocorre somente para ver e ouvir, mas auxilia no estudo de fatos que se deseja pesquisar.

O problema estudado teve a necessidade de utilizar a observação como instrumento para coleta de dados para que pudesse observar se havia alguma contradição entre as entrevistas e o cotidiano da sala de aula.

No percurso da observação, foi possível perceber a falta de interesse, cansaço, dificuldades na aprendizagem e indisponibilidade de tempo para estudar de muitos jovens e adultos. A professora percebe a importância dos jovens e adultos que estão no espaço escolar só que, às vezes, não busca interagir e conhecer a realidade dos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem. Essa realidade existida em muitos jovens, adultos e idosos que têm dificuldades na escola nem sempre é compreendida pelos profissionais do colégio, já que é impossível analisar o aluno isolado sem ter um conhecimento do contexto do aluno.

### **3.4.2 Entrevistas semiestruturadas**

As entrevistas são caracterizadas entre entrevista estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas, onde o entrevistador colhe informações do entrevistado através de um roteiro elaborado com base no problema principal do tema. Para Minayo,

A entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagens pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a esse objetivo. (MINAYO, 2011, P.64).

Desta forma, através da entrevista, podemos realizar pesquisas baseadas em narrativas de vidas, na qual, a fala de um pesquisado pode ser confrontada com a dos outros. Ela também nos traz informações diretamente formuladas pelos indivíduos que foram entrevistados e essas ponderações feitas pelos próprios são realidades que estes vivenciam.

Nesse ponto de vista, é importante a compreensão do pesquisador na hora que o entrevistado for falar suas experiências, e principalmente quando for coletivo sempre ter um diálogo antes. É importante que o entrevistador seja cauteloso na hora de conduzir a entrevista, no período que seja adequado, para a discussão referente ao assunto que interessa, podendo fazer perguntas adicionais

para complementar questões que não ficaram claras ou auxiliar a remanejar o assunto da entrevista, caso o entrevistado tenha “desviado” do tema ou apresente dificuldade. O pesquisador precisa considerar, no momento da entrevista, que o mesmo estará convivendo com emoções, apegos pessoais e fragilidades, por isso deve ter consideração à pessoa entrevistada.

O pesquisador não pode esquecer que cada entrevistado tem sua singularidade, cada um tem diferente história de vida, tem uma experiência individual. Buscando responder os objetivos da presente pesquisa, escolhemos por entrevista semiestruturada, na qual o pesquisador precisa adotar um conjunto de questões antecipadamente deliberadas, mas ele o faz em um contexto bem parecido ao de uma conversa informal.

Com o intuito de se centralizar a discussão sobre a importância de compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJAI no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores com vistas à construção de superação desses limites, foram realizadas entrevistas com 03 estudantes e a professora. Os estudantes foram escolhidos por terem se colocado à disposição para a entrevista.

A entrevista com a professora foi por escrito. Ela não permitiu gravar e escolheu responder em sua casa.

As entrevistas foram feitas, correspondendo a um roteiro de nove perguntas para cada entrevistado, porém os entrevistados se recusavam a falar muito, o que demandou um segundo momento de entrevista. Foram realizadas no mês de agosto de 2018, na escola mencionada.

Devido não ser permitido fazer a entrevista no horário da aula, foram marcados com os alunos locais fora da escola e na própria escola no horário que não fosse de aula. Deixou-se o horário para que eles marcassem de forma que não prejudicasse na aula quanto no trabalho. E ocorreu com os alunos A I e A II, antes da aula, na própria escola, e a aluna A III, foi à residência da pesquisadora.

### **3.4.3 Os colaboradores da Pesquisa**

Contou-se com a colaboração de 03 estudantes e uma professora, que responderam às entrevistas e se manifestaram disponíveis para quaisquer

explicações referentes à realização da mesma, perfazendo assim quatro participantes colaboradores deste estudo.

Vale ressaltar que, por pedido dos mesmos, os nomes e identidades dos entrevistados não serão revelados, sendo chamados de A1, A2 e A3 e P1

A aluna I mora em Amargosa, tem 39 anos, trabalha como doméstica e tem três filhos. Aluno II, mora comunidade da Lagoa de São João, zona rural de Amargosa, tem 24 anos, trabalha como Lavrador, não tem filho. Aluna III mora em Amargosa, tem 39 anos, há três trabalha como catadora na associação de reciclagem. São estudante da EJAI, do primeiro segmento que corresponde 1º e 2º anos do ensino fundamental I, do “Centro de Educação de Jovens e Adultos”, que fica na Escola Estadual Almeida Sampaio.

A professora é formada em licenciatura plena em pedagogia, ensina na Educação de Jovens, Adultos e Idosos há vinte anos, com carga horaria de vinte horas semanais. É importante registrar que, primeiro conversei com a professora com antecedência de que iria fazer uma entrevista com ela e observações e ela aceitou. Contudo, um dia antes da entrevista, conversei com ela novamente. Falou que seria melhor que eu levasse as perguntas que ela responderia, e marcava um dia para ir buscar.

No dia que foi marcado para buscar, ela foi muito grosseira, na sala dos professores, mas entregou a resposta. Creio que estava constrangida com a própria dificuldade de escrita e limites pedagógicos apresentados nas observações, mesmo que nada tenha sido comentado nesse sentido.

#### **4. O QUE NOS DIZEM OS SUJEITOS**

No presente capítulo, faremos a análise dos dados coletados através das observações e das entrevistas no decorrer da pesquisa de campo, procurando a resposta do objetivo geral, qual seja a compreensão dos limites enfrentados pelos estudantes da EJAI no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores. Dessa análise, preponderantemente, surgiram quatro aspectos, a saber: dificuldade em conciliar trabalho e estudo; ausência de tempo para estudo fora da escola; fragmentação no processo de escolarização; distância entre o conteúdo proposto e a realidade dos estudantes, que serão discutidas a seguir.

#### 4.1. DIFICULDADE EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO

Percebemos nas falas dos sujeitos entrevistados que essa conciliação, comumente, dificulta suas aprendizagens.

É difícil conciliar estudo e trabalho, pois os dois exige tempo. Eu consigo porque meus patrões são compreensivos, não tem problemas eu posso sair na hora do almoço vou para o quarto responder as tarefas, posso pesquisar fazer qualquer coisa que seja referente a meu estudo, todo tempo que tenho disponível tanto em casa quanto no trabalho priorizo meus estudos, faço leitura, gosto de escrever o que entendo para praticar a escrita, faço atividades, estudo as provas. (A1)

Meu trabalho interfere muito no meu processo de aprendizagem, porque não tenho tempo de fazer leitura nem atividades devido o horário de trabalho, o tempo que tenho pra está fazendo leituras e atividades só na escola na aula... Eu consigo conciliar o estudo com o trabalho, mas é muito cansativo, porque estudar e trabalhar é difícil principalmente quando é para os outros, que não posso sair do trabalho mas cedo. Mesmo assim venho lutando para não abandonar meus estudos. (A2)

Meu trabalho interfere sim na minha aprendizagem, porque trabalho na rua (na reciclagem), então é muito movimento às vezes fico com o pensamento no trabalho e na escola sem saber o que fazer, porque dia de prova mesmo não tenho tempo de estudar, ai faço a prova com os conhecimentos vistos em sala de aula. (A3)

Fica claro, nas falas dos estudantes, que conciliar o trabalho e estudo é difícil, pois exige tempo, além do cansaço que acaba dificultando a aprendizagem, já que os mesmos trabalham o dia inteiro e acabam não tendo tempo de estudar fora da escola. Contudo, a estudante A1 diz que consegue estudar nas horas vagas no trabalho e em casa. Entretanto, percebe-se nas falas dela, na entrevista, que não tem esta disponibilidade tão grande para estudar, pela jornada de trabalho e por depender de ajuda de alguém que possa ajudar na hora das realizações das leituras e atividades fora da escola.

Com esses depoimentos, pode-se entender que todos têm consciência que as dificuldades em conciliar o trabalho e o estudo acabam interferindo na aprendizagem. O entrevistado A3 diz também que encontrou muitas dificuldades para conciliar o trabalho e ao mesmo tempo frequentar a escola, desde então, o mesmo utiliza estratégias para permanecer no trabalho e na escola, assim o entrevistado fala:

Busco conciliar dessa forma, uma hora estou com o pensamento em estudar e em outra hora no trabalho, quando estou na rua estou

pensando no trabalho, e quando estou na escola penso nos estudos, porque se ficar pensando nos dois ao mesmo tempo é muita pressão que dar vontade de desistir de um, priorizando o trabalho. (A3).

As falas apresentadas tornam visível que são muitos os desafios enfrentados cotidianamente pelos alunos para permanecerem frequentando a escola. Apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos, mostram ter força de vontade em superar todas as dificuldades, esses sujeitos continuam frequentando os espaços da EJA. Assim, OLIVEIRA E PAIVA ressaltam que,

[...] a realidade que, muitas vezes, incomoda o sistema educacional, é o fato de que, apesar de esses jovens terem todos os motivos compreensíveis para não voltar à escola, a ela retornam, mesmo sabendo dos limites e das dificuldades que lhe são colocados para construir uma trajetória escolar bem-sucedida. (OLIVEIRA, PAIVA, 2004, p.50).

As autoras nos dizem que apesar desses estudantes serem desvalorizados pelo sistema, e também o cansaço diário do trabalho pesado e de todas as dificuldades, os estudantes da EJA encontram motivações para continuarem na escola para realizar o desejo e a necessidade de aprenderem, principalmente ler e escrever, pois ao ampliarem o domínio da leitura e da escrita, eles encontram autonomia em seus possíveis usos sociais.

Dentro dessa perspectiva, é responsabilidade dos gestores em todos os níveis e professores lutar pelo sistema escolar, criando um espaço que proporcione aos estudantes, além do acolhimento, respeito ao seu tempo de vida. Para Arroyo (2008, p.56), “o que se propõe, nessa perspectiva, é que caberá aos profissionais da EJA a grande luta pela conquista do sistema escolar, será garantido o direito dos jovens-adultos populares ao conhecimento e às competências que a inserção no mundo moderno exige”.

#### 4.2. AUSÊNCIA DE TEMPO PARA ESTUDO FORA DA ESCOLA

Podemos perceber nas falas dos sujeitos que a ausência de tempo para realizações de suas atividades também interfere no processo de aprendizagem, pois trabalham o dia inteiro e não tem disponibilidade de pegar seus materiais escolares para revisar o que foi dado em aula.

[...] por não ter muito tempo para estudar fora da escola, só durante a noite que eu vou para escola. Quando chego em casa já é tarde e não dá tempo de revisar um pouco as coisas que tenho dificuldade, mas na escola me esforço para tirar minhas dúvidas, tanto na leitura quanto na escrita. (A2)

[...], pois em casa não tenho tempo de estar estudando, para mim maior dificuldade é não ter tempo de estudar em casa os assuntos que são dados em sala de aula, fazer leituras em casa, pois trabalho o dia todo e não tenho tempo disponível para praticar a leitura e a escrita. (A3).

Nas falas dos estudantes que foram entrevistados, bem como nas observações, esta ausência é predominante. Durante as observações, analisamos que todos os estudantes têm essa ausência de estudo fora da escola. Percebemos que, quando a professora dava atividades aos estudantes em sala de aula, todos questionavam se o tempo daria para responder, já que eles não poderiam levar para casa, porque não tinham tempo fora da escola.

Enquanto as falas dos entrevistados A2 e A3, relatam a questão do tempo que não têm para realização dos estudos em casa, por ter uma jornada grande de trabalho diária, nas observações, em sala, percebemos que estes estudantes se esforçam bastante durante a aula, tiram dúvidas com a professora ou com outros alunos que sabem mais.

Essa ausência de tempo para estudo fora da escola é uma situação que prejudica os alunos da EJAI, que não podem revisar os assuntos, para tirar suas dúvidas na sala com a professora, bem como se preparar para avaliações.

#### 4.3 FRAGMENTAÇÃO NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

A fragmentação no processo de escolarização é frequente, percebemos nas falas dos estudantes e da professora que todos esses alunos têm seus motivos que impossibilitaram a entrada e permanência, na escola, na infância.

O que dificultou minha entrada na escola foi porque meu pai não botou na escola, nasci em 79, não tinha documento, vim tirar no ano de 90, meu pai era alcoólatra, não tive mãe, eu tinha dois anos e meu irmão tinha um ano, minha mãe foi pra São Paulo, por esse fato interferiu também minha entrada na escola na idade certa, fui criada pela madrasta, aí fui levando a vida assim mesmo, logo em seguida conheci meu marido tive filhos, aí o tempo foi passando, meu pai teve um AVC, tive que tomar conta, quando ele faleceu comecei a trabalhar em uma casa de uma professora, daí eu falei:

tenho que estudar, ai comecei a estudar já faz dois anos que estudo e não vou desistir, mas, vim ter oportunidades aos 38 anos, antes tinha que cuidar dos meus irmãos, ai não tive oportunidade de estudar na idade certa depois comecei a trabalhar e deixei o estudo para trás, só agora que vi a importância de voltar a estudar e vou mim formar. (A1)

Na idade certa tive oportunidade de estudar, só que desistia muito, às vezes para ajudar meus pais na roça, com isso cresci e continuei trabalhando fazendo diária, com isso o tempo passou, agora que senti a necessidade de estudar, para ter uma melhoria de vida, e não ter dificuldades na hora que precisar resolver algo em setor público. Já tive muitas oportunidades de hoje estar formado, só que desisti muito, às vezes era pra trabalhar e outra porque não queria estudar. (A2)

Tinha que trabalhar, não tinha condições, tinha que trabalhar pra ajudar meus pais a criar meus irmãos, então parei de estudar. (A3)

Reconhecendo a fragmentação no processo de escolarização no contexto escolar, a professora afirma que:

Devido alguns deles terem longas jornada de trabalho, são faltosos, chegam atrasados, as vezes desistem da escola, outros evadem por ter que escolher entre continuar na escola ou trabalhar pois surge trabalhos em outras cidades, não conseguindo conciliar o cansaço e outros problemas desses jovens trabalhadores. (P1)

Levando em conta os relatos dos estudantes e da professora, fica claro que os estudantes abandonaram seus estudos para trabalhar, desistência e por problemas de saúde na família. A fala da professora reafirma os motivos de muita fragmentação no processo de escolarização dos estudantes da EJAI que acabaram interrompendo o processo de alfabetização. Para Gadotti,

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...] (GADOTTI 2008, p.31).

São realidades marcadas pela condição de ser adulto e trabalhador, pois habitam num mundo de trabalho, família, problemas de saúde que atrapalham assimilar novos conhecimentos. São responsabilidades tanto sociais quanto

familiares, que acabam impossibilitando a permanência desses estudantes na escola.

A entrevistada A1 tinha vergonha de voltar a estudar, por ser adulta, mãe e por ser criticada na sala de aula.

A dificuldade que tive de frequentar a escola foi a vergonha, pois já sou adulta e depois de ser mãe voltar estudar eu tinha medo (Medo de que? Medo de não aprender os assuntos que a professora desse na sala, medo de chegar e na sala ter só alunos mais novos do que eu e ser criticada por eles), eu nunca fui na escola, nem quando era criança para me alfabetizar, aprendi a ler sozinha. (A1)

Refletindo a fala da entrevistada A1, além dos aspectos citados, Campos (2009), nos diz que,

Vocês devem recordar que um dos nossos maiores desafios iniciais foi encontrar os analfabetos que vivem escondidos por entre a população letrada. Tais pessoas carregam consigo o estigma de uma situação da qual são vítimas, mas a consideram como derrota pessoal, por isso, sentem vergonha de participar de um grupo de alfabetização. (Campos, 2009, p.74).

Muitos deles abandonaram a escola, quando eram crianças e não conseguiram concluir seus estudos na “idade certa”, mas carregaram consigo a expectativa de permanecerem estudando para tentar recuperar todo tempo perdido, e em busca de novos empregos e melhorias de vida. Nesse sentido Souza e Alberto (2008, p. 714) destacam que: “[...] o trabalho em idade precoce é um fato que remonta as civilizações antigas”. Entretanto, na atualidade mesmo com toda as leis que protegem a criança e ao adolescente a exploração do trabalho infantil ainda alcança números significativos.

#### 4.4 DISTÂNCIA ENTRE O CONTEÚDO PROPOSTO E A REALIDADE DOS ESTUDANTES.

Na escola na qual foi desenvolvida a pesquisa de campo, percebemos tanto nas observações quanto nas entrevistas, que os conteúdos que são trabalhados pela professora não condizem com as realidades dos estudantes.

Às vezes tenho dificuldades de fazer as atividades propostas pela professora, às vezes acho muito difícil, que peço explicação a ela se for responder na sala, sempre peço ajuda quando preciso... trabalhar e estudar, como no caso às vezes está cansado sem

disposição para estudar a professora não busca trabalhar algo que seja da minha realidade e dos outros, que nos possa incentivar a estudar, se ela sempre utilizasse a nossa realidade seria até fácil entender alguns assuntos por estar trabalhando com aquilo que nós já convive. (A1)

Ela não entende que o aluno está cansado, trabalha o dia todo como no meu caso que às vezes trabalho como ajudante de pedreiro e também na lavoura, às vezes estou tão cansado pra realizar as atividades em sala que fico só escutando e observando o conteúdo dado em sala de aula, pra depois realizar as atividades. (A2)

Agora ela não trabalha de acordo com nossa realidade não, porque se ela trabalhasse os assuntos se tornavam, mas fáceis porque era algo que já é de nossa convivência. (A3)

Em contradição ao que foi dito pelos estudantes e observado em sala de aula, para a professora, ela considera o contexto de vida dos estudantes.

Levo em conta o cotidiano e vivências do aluno, sempre efetivamente uso e atento para a criatividade com o intuito de provocar o interesse dos alunos. Uso o livro didático, paradidático, filmes relacionados ao conteúdo, jogos, dinâmicas. Atividades que envolva todos e que interagem entre si. ( P1.)

As falas dos estudantes permitem perceber que, além de trabalhar, estudar, e irem para escola cansados e desmotivados, se deparam com uma realidade descolada de seu contexto.

Percebemos, nas observações, que a professora de fato não trabalha com a realidade desses sujeitos, e, além disso, não busca novas metodologias para trabalhar em sala, que possam incentivar os estudantes a permanecerem estudando. Ao contrário, se os alunos tiverem dificuldades para realizar as atividades, a professora não busca meios que possam ajudar o estudante a entender o assunto. Manda eles se retirarem da sala, desmotivando ainda mais os estudantes.

Observando as falas acima, podemos ver que é de extrema importância a forma que os professores trabalham na Educação de Jovens Adultos e Idosos. Para que se possa garantir uma real tentativa de construção da aprendizagem e a permanência desses sujeitos no espaço escolar, é necessário ser um professor um professor que conheça as demandas e especificidade dessa modalidade da educação básica e esteja comprometido de fato com a educação desses sujeitos.

Ao abordar as questões metodológicas, Côrrea (2009), em sua obra Fundamentos Metodológicos da EJA, destaca que o espaço escolar deve ser um espaço que motive o aluno a dialogar, e que possa se expressar e confrontar suas ideias. Côrrea acrescenta,

No que diz respeito à EJA, as escolas devem reforçar as instâncias de diálogo isto é, de fala de escuta dos alunos. Isto é, devem ser espaços onde o aluno possa dizer o que pensa e ser escutado, onde visões de mundo possam ser confrontadas e debatidas, onde o sonho possa ter lugar. (CÔRREA, 2009, p.7).

Sendo assim, a construção de momentos acolhedores e estimulantes pode contribuir significativamente para a permanência e aprendizagem desses estudantes, mesmo que, como vimos neste estudo, as questões que envolvem a EJA sejam muito mais complexas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, foi possível discutir o percurso da EJAI como direito, assim como a identidade desses sujeitos e sua condição de estudante trabalhador e o processo de alfabetização da classe trabalhadora na EJAI.

Esta pesquisa teve o intuito de contribuir com os estudantes e profissionais da educação a refletirem sobre os limites que esses sujeitos enfrentam para voltar a estudar, pois é importante que os profissionais da educação estejam preparados para receber os estudantes, considerando que são sujeitos que, a maioria das vezes, têm família, trabalham o dia todo, e vão estudar no período noturno, buscando novos conhecimentos que são necessários para ocupar outra condição de vida.

Nesse sentido, os sujeitos que frequentam as escolas da EJAI, retornam à escola em busca de realização de um sonho, pois não tiveram oportunidades de concluir seus estudos em uma chamada “na idade certa”, como foi citado pelos entrevistados. Um sonho de melhoria de vida. É perverso que, nesse retorno, mais uma vez a escola desconsidere o lugar que ocupam no mundo.

Mesmo longe de esgotar a temática proposta, a presente investigação demonstra as dificuldades que os estudantes da EJAI encontram ao retornar à escola, além das marcas das dificuldades em sua trajetória de escolarização, o cansaço, a falta de tempo e uma realidade escolar que desconsidera seu cotidiano.

A superação dessas dificuldades, infelizmente, está longe de ser alcançada e só será possível com políticas públicas que demonstrem de fato respeito pelos direitos desses cidadãos, em todos os âmbitos da gestão pública que se referem à EJAI. Desse modo, há um caminho longo de lutas a se trilhar.

## REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA / MEC. **Breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil.** In: *Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental.* São Paulo: Ação Educativa / MEC / UNESCO, 1996.

BRASIL. Lei n.10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o plano Nacional de Educação e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2001. P.1.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

CAMPOS, Ana Maria de. **Diálogos com quem usar educar, educando-se: a formação de educadores a partir de uma experiência da Educação Popular.** 2009. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de pós-graduação em Educação, Centro de Educações Sociais Aplicadas. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009.

CEB 11/2000. Aprovada as Diretrizes Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.

CÔRREA, Luis Oscar Ramos. **Fundamentos Metodológicos da EJA I.** Curitiba, IESDE: Brasil S.A, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001324/132452porb.pdf> Acesso em: 26 fevereiro 2018.

DESLANDES, Suely Ferreira, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora).** 28.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

DESLANDES, Suely Ferreira, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora).** 30.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

DUARTE, Karina e ROSSI, Karla. **O processo de alfabetização da criança segundo emilia ferreiro.** Garça/SP, v.n. 11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 10ª edição, 1981.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho.** Belo Horizonte, 2008. Instituto e livraria Paulo Freire.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil.** In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, E. José (orgs). **Educação de Jovens e adultos: teoria, prática e proposta/** Moacir Gadotti, José E. Romão (orgs). -12 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho.** –Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 240p.

KOERNER, Rosana Mara. **Entre saberes e fazeres da/na alfabetização: o ato de mediar do professor alfabetizador/** Rosana Mara Koerner. -1.ed. – Curitiba: Editora CRV, 2010. 178P.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/** Menga Ludke E.D.A. André. São Paulo: EPU, 1986.

SOUZA, Elizeu Clementino de, apud NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Book <<http://books.scielo.org>>.

TIRIBA Lia. CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Trabalho e educação de Jovens e adultos.** . (Serie Pesquisa em Educação: diferentes enfoques, 6) –Brasília: Liber Livro e Editora UFF, 2011. 276p

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** Edição Ridendo Castigat Mores. Setembro 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**ENTREVISTAS**

1. Quais dificuldades que você encontrou para estudar? Você está gostando? Por quê? Você está encontrando dificuldades para entender os conteúdos aplicados pela professora?
2. O que dificultou sua entrada na escola? O trabalho interfere no processo de aprendizagem? Explique? De que forma você consegue conciliar o estudo com o trabalho?
3. Como esta sendo sua leitura e escrita nesse processo? Sente dificuldades? Quais? Como acontece sua luta diária para realização das atividades propostas na sala de aula?
4. A professora leva em conta a realidade cotidiana vivida por você estudantes trabalhadores? De que maneira você percebe esse ensino? Explique

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**ENTREVISTAS**

- 1-Fale sobre as dificuldades que você enfrenta no processo de alfabetização dos alunos por ser jovens/adultos estudantes trabalhadores.
- 2- Como está sendo o processo de alfabetização dos alunos?
- 3- Comente a situação atual de leitura e escrita dos alunos. E o desenvolvimento das tarefas propostas pelos professores.
- 4- Você leva em conta o cotidiano dos alunos trabalhador para pensar em como ensinar?

## APÊNDICE A



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB  
Centro de Formação de Professores - CFP  
Licenciatura em Pedagogia

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada **OS LIMITES ENFRENTADOS PELOS ESTUDANTES DA EJAÍ NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO EM DECORRÊNCIA DA CONDIÇÃO DE SER ESTUDANTE TRABALHADOR**, com o objetivo de Compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJAÍ no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores com vistas à construção de superação desses limites. Esta pesquisa está sendo orientada pela professora Geórgia Nellie Clark.

Objetivamos nessa pesquisa: Compreender os limites enfrentados pelos estudantes da EJAÍ no processo de alfabetização decorrentes da condição de serem estudantes trabalhadores com vistas à construção de superação desses limites. Para melhor sistematizar essa investigação foram delineados alguns objetivos específicos, a saber: 1) Entender o percurso da EJA como direito; 2) Discutir a identidade dos sujeitos da EJA, e sua condição de estudante trabalhador; 3) Discutir o processo de alfabetização de EJAÍ da classe trabalhadora. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para você. Além disso, você não correrá nenhum risco em participar desta pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em fazer parte de uma entrevista semiestruturada, bem como permitir que a pesquisadora tenha um bate papo com você, onde suas falas sejam gravada para depois serem transcritas para o papel. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação e da instituição de ensino.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos e da instituição que farão participação.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui três vias, sendo uma delas sua, uma da instituição e a outra do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço da pesquisadora responsável e da orientadora.

## APÊNDICE B

Contatos do pesquisador responsável: Andreia Porcino Santos, graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP), Celular: (75) 98837-8677 E-mail: andreiasol26@gmail.com Contatos da orientadora: Ms. Geórgia Nellie Clark, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro de Formação de professores (CFP).

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Amargosa-BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Participante \_\_\_\_\_

Pesquisadora: Andreia P. Santos

Orientadora: Geórgia Nellie Clark